

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NAS PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA SOCIOAMBIENTAIS: O CASO DO MOVIMENTO “FORA CELULOSE”

Gabriel Ferreira da Silva ¹

José Vicente de Freitas ²

Thaíze Ferreira da Luz ³

RESUMO

Os anos finais da década de 1980 colocaram a cidade do Rio Grande/RS no palco de manifestações socioambientais. Isto se deu pelo anúncio por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul em seu interesse na instalação de uma fábrica de celulose na cidade. Vista pelos políticos e empresários como a solução de problemas econômicos, o anúncio rapidamente chamou a atenção para pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e comunidade em geral, que se organizaram a fim de barrar a instalação do empreendimento em Rio Grande. Assim, este artigo busca compreender e explorar a relação entre academia e movimento ambiental, resultando no movimento “Fora Celulose”. Trataremos aqui, de uma relação extremamente frutífera criada na união entre universidade e os movimentos ambientais, resultando no movimento intitulado “fora celulose”, responsável direto pelo abandono do projeto por parte do Governo e demais autoridades.

Palavras-chaves: Fora Celulose; Rio Grande/RS; Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Ativismo ambiental; Fábrica de Celulose.

1. INTRODUÇÃO

No final dos anos 1980 o governo do Estado do Rio Grande do Sul anunciou a pretensão de instalar um gigantesco complexo de produção de papel celulose na cidade de Rio Grande, às margens da Laguna dos Patos. O investimento giraria em torno de 400

¹ Mestrando em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista CAPES. E-mail: gbr.s.ferro@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

² Pós-Doc em Ciências Ambientais. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: jvfreitas45@gmail.com.

³ Doutoranda em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES. E-mail: thaizefl@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

milhões de dólares e era apresentado como a solução dos problemas econômicos do município, que assim como o restante do país, vivenciava uma séria crise socioeconômica.

Em primeiro momento, o governo do Estado, assim como uma legião de empresários residentes do município, acreditaram que o projeto seria aceito sem grandes problemáticas e poderia ser implementado assim que as primeiras empresas interessadas na empreitada estivessem prontas para iniciar as obras.

Entretanto, a notícia da possível instauração da fábrica na cidade, já era de conhecimento de ativistas de movimentos ambientalistas do município que, antecipadamente, se organizavam de forma a pensar maneiras de barrar o empreendimento.

Com a manifestação oficial sobre a instalação da fábrica, os ativistas e diversos outros atores da sociedade civil riograndina passaram a organizar maneiras de convencer a sociedade em geral de que a instalação da fábrica traria mais ônus do que benefícios para o município. Estas pessoas organizadas passariam a fazer parte de um grupo que hoje denominamos de movimento “Fora Celulose”.

Em um período de tempo de cerca de um ano, entre fim de 1988 e o fim de 1989, os ativistas foram capazes, através de diversas ações políticas e de educação ambiental, de não só persuadir a população sobre os perigos da que acarretaria a instalação do complexo de celulose na cidade, mas de criar um movimento tão grande e conciso que fez com que o governador do Estado recuasse com as pretensões governamentais.

O estudo de (FERREIRA 2017) aponta que a Universidade Federal do Rio Grande teve papel decisivo para o sucesso das ações do “Fora Celulose”. A academia não só foi uma das instituições que mais aglutinou militância ao movimento, mas foi a responsável pela produção de uma série de relatórios e laudos que basearam, teoricamente, as argumentações e táticas do movimento.

Pautando-se no conceito de história problema formulado por Marck Block e Lucian Febvre, este artigo busca compreender e explorar a relação entre academia e movimento ambiental que ocorreu no movimento “Fora Celulose”.

Justifica-se esta pesquisa pelo fato de que atualmente parece existir uma dualidade entre o conhecimento e as ações acadêmicas e as formas de existir e produzir

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

conhecimento e militância dos movimentos sociais. Advoga-se aqui que uma relação extremamente frutífera pode ser criada com a união entre universidade e os movimentos ambientais e o “Fora Celulose” é a prova disso.

Desta maneira, o presente artigo objetiva analisar os documentos produzidos pela FURG com o intuito de evidenciar os atores que produziram estas fontes, assim como apontar em quais ações estas produções foram utilizadas como base de sustentação.

Espera-se que tal elucidação possa, não só indicar a importância do ofício acadêmico a esse movimento socioambiental, mas também que possa apontar pistas que ajudem outros movimentos semelhantes a atuarem de maneira mais concisa e certa em suas práticas de resistência.

Este trabalho está dividido em três sessões. Inicialmente se aborda o referencial teórico em que foi construído o artigo e os processos metodológicos operados durante a pesquisa. A segunda parte faz a análise dos documentos, onde são evidenciados os atores que produziram os relatórios, assim como as ações ou discursos que estes laudos referenciam. Por fim, a última parte faz uma breve discussão sobre os ganhos e limites existentes entre a relação simbiótica da academia e o movimento “Fora Celulose” assim como as possíveis contribuições que este tipo de estratégia pode resultar a outros movimentos.

2. A LENTE REFERENCIAL E O CAMINHO METODOLÓGICO

O escopo teórico que referencia este artigo parte, inicialmente, da compreensão de Enrique Leff (2005) sobre sua percepção a respeito do campo da História Ambiental (HA). Defende-se aqui essa abordagem por entender que as associações que Leff faz entre a pesquisa histórica e a Educação ambiental (EA) encaixam perfeitamente na proposta desta pesquisa que, nada mais é, do que uma pesquisa historiográfica dentro do campo da EA.

A perspectiva de Leff sobre HA não a resume simplesmente em um estudo sobre as interações entre seres humanos e a natureza, mas sim de mudança paradigmática, onde se percebe os homens e as mulheres como sendo a própria natureza. Aqui se propõe que a

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

HA, mais do que um estudo do passado, seja um fator de transformação da sociedade, a partir do resgate de formas de resistência ao que se chama de racionalidade econômica.

Se a história ambiental é entendida como o devir espaço-temporal em que ocorrem transformações do meio pela ação do homem (pelas racionalidades econômico-culturais de apropriação da natureza), seu campo estará definido segundo a delimitação territorial, cultural e temporal de cada estudo. Nesta perspectiva, se estabeleceria o propósito de recuperar formas sustentáveis de manejo do meio para aplicá-las a estratégias atuais de exploração e manejo da natureza. (LEFF, p.15, 2005)

Uma vez que esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, optamos pelos pressupostos defendidos por YIN (2001) para nortear este estudo. Assim, opera-se aqui um estudo de caso único, com abordagem qualitativa e trabalhando com múltiplas fontes empíricas. Para garantir a cientificidade do artigo, assim como a veracidade dos fatos, criou-se um acervo digital⁴ onde podem ser encontradas as fontes empíricas explicitadas no decorrer deste trabalho.

Neste estudo, o corpus documental é constituído por diversas fontes, sendo elas: duas entrevistas realizadas com atores determinantes para o desfecho do “Fora Celulose”, sendo eles Marcelo Domingues e Luiz Antônio Rampazzo; uma pesquisa por amostragem, entre os anos de 1988 e 1989, nas reportagens do periódico local Jornal Agora; e o mais importante para a produção deste artigo, a série de 10 relatórios de possíveis impactos que a fábrica de celulose poderia causar ao ecossistema estuarino, assim como à economia do município de Rio Grande, produzidos pelo corpo acadêmico da FURG.

Para se obterem os objetivos pretendidos na análise do material, inicialmente, foi selecionado, pelo método de saturação de amostragem, um número “x” de argumentações utilizadas pelos defensores da fábrica de celulose para convencer a população de que o complexo traria benefícios para o município. Das escolhidas, separou-se as duas mais citadas nos jornais e entrevistas, por serem entendidas como de maior importância, uma de ordem ambiental e a outra econômica. Posteriormente, foram levantadas as ações e argumentações que combatiam as argumentações selecionadas anteriormente.

⁴ <https://mega.nz/#F!vrlzGCzS!CxfHi6r2lzGyder7XWu0rg>

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Das atividades levantadas do “Fora Celulose”, foram novamente selecionados aqui aqueles que possuíam bases de sustentação nos documentos produzidos pelo corpo acadêmico da universidade.

Ao fim deste processo metodológico, analisou-se um documento produzido pelos ativistas e distribuído para os veranistas da praia do Cassino, balneário da cidade do Rio Grande, onde eram elucidados os males que a fábrica de celulose poderia acarretar.

Desta forma, o artigo apresenta inicialmente as argumentações que defendiam a instalação da fábrica e, posteriormente, o conteúdo do documento em questão, assim como os relatórios e os atores que ajudaram a basear tal documento.

3. A RELAÇÃO ENTRE SABER ACADÊMICO E O MOVIMENTO AMBIENTALISTA NA CONSOLIDAÇÃO RESISTÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

3.1. A ARGUMENTAÇÃO EM FAVOR DA CELULOSE

Este capítulo se dedica, inicialmente, a verificar as principais argumentações explanadas pelos defensores da fábrica de celulose. Posteriormente, serão explicitados os contra-argumentos e ações operadas pelos ativistas do “Fora Celulose”, elucidando sobre as produções acadêmicas que serviram de referencial, assim como os atores que produziram tais documentos aqui apontados.

Em primeiro lugar, os defensores da instalação da fábrica em Rio Grande afirmavam que tal projeto não prejudicaria de forma alguma o meio ambiente e o ecossistema da cidade; diziam inclusive que este até beneficiaria a preservação da natureza. Segundo as palavras do então secretário estadual de comércio e indústria da época, Carlos Mosmann:

(...) a fábrica desde o início do seu funcionamento deverá obedecer as normas do DMA e a legislação ambiental em vigor, o que impedirá problemas posteriores. Ressaltou ainda que além de prever harmonia entre a fábrica e o meio ambiente ainda terá a vantagem, pelas características do projeto de beneficiar a recuperação das dunas no litoral da região. (**JORNAL AGORA, 26/03/1989, p. 3**).

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Pode-se, assim, deduzir que a harmonia com o meio ambiente e preservação do mesmo eram concepções utilizadas pelos defensores do projeto. No entanto, tal argumentação possuía uma base estrutural mais aprofundada, que será exposta nos próximos parágrafos.

A empresa RioCell é apontada como precursora da argumentação favorável à instalação da fábrica de celulose, pois conforme o parecer dos interessados no projeto, esta é um exemplo de como uma indústria de celulose pode ser benéfica para o município e, simultaneamente, conviver em equilíbrio com a natureza.

A fim de defender a importância desta fábrica, Aprigildo Rodrigues, na época presidente da União Riograndina de Moradores dos Bairros, encaminha ao Jornal Agora, um manifesto, publicado pelo periódico. No texto, embora se posicionasse contra a instalação da indústria de celulose, reconhecia que seguindo os moldes da RioCell, não seria prejudicial à cidade, pelo contrário, aduz que a empresa seria bem-vinda ao município.

A argumentação que utilizava a empresa RioCell como referência modelar, ganhou ainda mais força após um acontecimento: Se se deu após a visita de diversos interessados na implementação da fábrica às dependências daquela empresa. Foi o motivo que originou uma onda de informações, amplamente divulgada, de que tal empreendimento possuía toda a tecnologia e equipamentos necessários para mitigar os impactos ambientais, assim como estava gerando mais de dois mil empregos. Ademais, a referida empresa era lembrada por possuir uma comissão de meio ambiente cujas atividades eram apreciadas pela população do município de Guaíba.

Sobre a RioCell, explicou que produz as linhas branqueadas e não branqueadas de papel e que embora tenha cerca de 600 funcionários na fábrica, apenas de empregados diretos, gera aproximadamente 2 mil. (...) quanto aos aspectos ambientais, Luiz Coimbra disse que a empresa investiu 37 milhões de dólares em resíduos. Neste programa incluiu-se a construção de torres de 120 e 150 metros de altura e o tratamento terciário de efluentes. As normas do Departamento de Meio Ambiente do Estado fizeram com que o cheiro característico da produção do papel fosse reduzido para 1% do que existia anteriormente e que hoje seja sentido apenas em condições especiais de clima. Ainda nas questões

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

ambientais- assunto que predominou nas questões levantadas pelos visitantes – Luiz Coimbra disse que a RioCell está entre as melhores do mundo. (**JORNAL AGORA, 21/04/89, p. 15**).

Ainda durante esta vistoria, foram inspecionadas as áreas de tratamento dos efluentes, posteriormente classificadas como exemplares pelos defensores do projeto. Em seguida, estes últimos reiteraram que uma indústria aos moldes da RioCell traria progresso à Rio Grande.

Indubitavelmente, a questão do progresso e do desenvolvimento econômico são os argumentos mais utilizados pelos defensores do empreendimento na cidade. Como se apurou na cobertura jornalística, praticamente todas as manchetes que se propunham a defender a instalação da fábrica, tocavam na questão do desenvolvimento econômico como fato a ser ponderado pela comunidade riograndina.

O argumento do progresso mostra-se tão veemente, visto que, por meio dele, se defendia a geração de empregos, assim como um grande aumento da circulação de capital no comércio da cidade, que eram motivações comumente apontadas nos textos publicados no Jornal Agora, como pode ser verificado em uma matéria que circulou no dia 25/02/1989, pela qual se assevera que a fábrica de celulose geraria cerca de 2588 empregos diretos para o município.

Ainda sobre a motivação ligada a ideia de progresso e geração de empregos, verifica-se em uma carta assinada pelo Prefeito de São José do Norte/RS – cidade vizinha, que também pleiteava a instalação da indústria - ao governador do Estado, asseverando que tal fábrica era tida como a redenção econômica para a cidade, sendo capaz de acabar com todos os problemas sociais que o município enfrentava, como se observa a seguir:

(...) Do ponto de vista econômico-social, é bom lembrar que municípios subdesenvolvidos ou com economias irremediavelmente comprometidas, precisam receber uma injeção de progresso para poder acompanhar o desenvolvimento do Estado. Para Rio Grande, por exemplo, a fábrica de celulose seria apenas mais uma grande indústria, entre as muitas que lá se acham instaladas, enquanto para São Jose do Norte será a redenção (...). (**JORNAL AGORA, 13/04/89**).

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Este trecho da carta enviada ao então Governador Pedro Simon, faz uma boa síntese de como a questão era tratada pelos defensores do projeto, ou seja, consideravam que a indústria de celulose traria, supostamente, o progresso econômico, consistindo em um elemento que transformaria a economia regional de uma forma redentora.

Outra argumentação também recorrentemente colocada em pauta pelos defensores do projeto consistia na arrecadação dos impostos que a fábrica geraria anualmente, beneficiando, assim, o município. Os pró-celulose argumentavam que a indústria geraria a partir do terceiro ano de funcionamento um ICMS de aproximadamente 4, 55 milhões de dólares, tema este já abordado em outra seção deste trabalho.

Em síntese, pode-se sustentar que esta gama de argumentos estava alicerçada, basicamente, no fato de que a instalação do empreendimento proporcionaria a circulação de um grande fluxo de capital no município de Rio Grande e na região, e também na ideia de que promoveria a geração de novos empregos e progresso econômico ao município, que sofria há décadas com a falta de investimentos de grande porte.

Para finalizar a questão político-econômica, era perceptível como os defensores do projeto se utilizavam da pretensão de outros municípios em acolher indústrias de celulose para pressionar a população a aceitá-la. Segundo o pré-projeto que estudou a viabilidade, Rio Grande era caracterizada como *locus* ideal para a sua instalação, entretanto, havia outras cidades apontadas como passíveis de receber o investimento, dentre as quais encontravam-se Pelotas e São José do Norte.

Como fora apontado, o prefeito de São José do Norte já havia demonstrado sua intenção de que o projeto fosse implementado naquele município, porém, uma vez que a comunidade riograndina estava se mostrando contrária ao investimento, segmentos importantes da cidade de Pelotas passaram a pleiteá-lo. O município lindeiro ao de Rio Grande mostrava-se tão interessado em receber o projeto que chegara a entrar em contato com Lutzenberger para convidá-lo a visitar a cidade:

O prefeito Anselmo Rodrigues pretende estudar pormenorizadamente o assunto, que considera de grande importância. “Afinal serão investidos

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

pela indústria, nada menos que dois bilhões de dólares, com a criação de 7 mil empregos diretos”, disse o vice-prefeito Edgar Cuervello que, agora, agiliza novos contatos com Lutzenberger e a possibilidade de visita ao grupo Aracruz, no Espírito Santo. (**JORNAL AGORA, 13/04/89**).

As argumentações aqui explicitadas tentam criar uma narrativa de que a fábrica além de ser ecologicamente segura, traria as soluções econômicas a região sul. O discurso é centrado na segurança ambiental, na questão da geração de empregos e arrecadação de impostos.

3.2. A AÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A ação em questão consistia em distribuir folhetos elucidativos sobre os males que a fábrica de celulose causaria ao município, tendo como público alvo os veranistas da Praia do Cassino. Além do material impresso, os ativistas desenvolviam breves diálogos com os banhistas, a fim de esclarecer de forma mais efusiva toda a problemática em questão.

Uma vez que ainda não foi realizada uma investigação mais profunda sobre os diálogos anteriormente apontados, o foco aqui é apontar quais trabalhos acadêmicos sustentam as argumentações presentes no documento aqui analisado. Para isso, far-se-á uma breve descrição sobre esta fonte para que se possa compreender de forma mais clara o seu conteúdo.

O documento se caracteriza inicialmente como uma folha A4, com um texto divididos em 8 tópicos separados, redigido por uma máquina de escrever, destacando dois carimbos ao fim da folha, um do grêmio do Colégio Técnico Industrial (CTI)⁵ e outra da associação dos professores da FURG:

⁵ Atualmente, a escola em questão se tornou o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Rio Grande

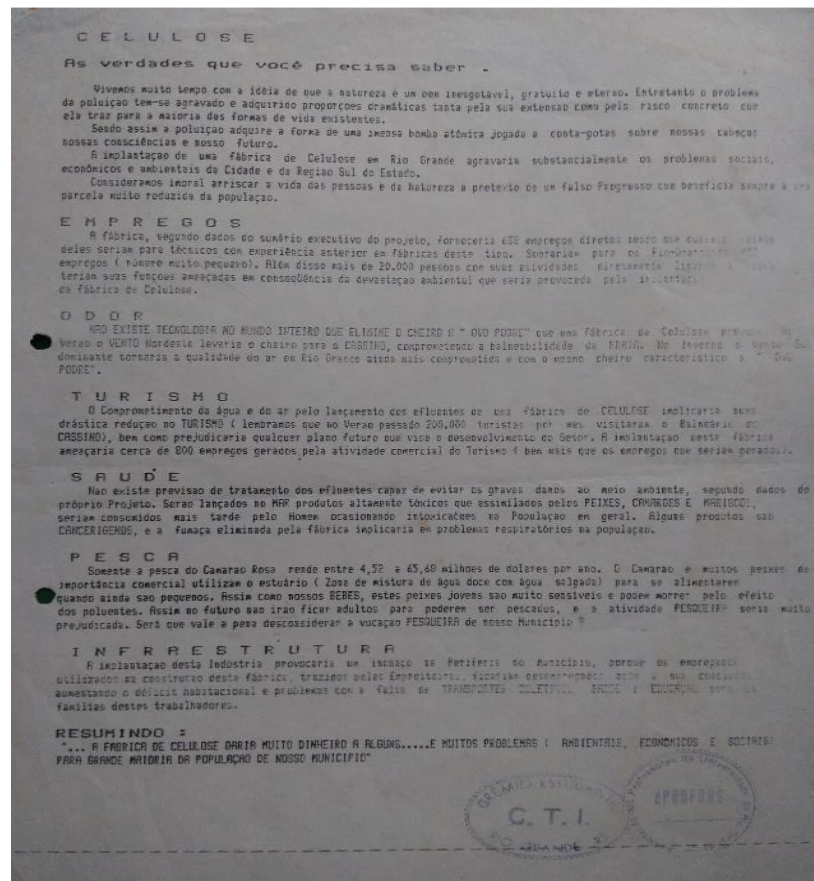
Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 1: Folheto distribuído na praia do Cassino



Fonte: (Acervo digital do autor)

Em primeira análise, nota-se a clara relação do documento e a universidade. Analisando de forma sucinta esse documento, nota-se inicialmente uma narrativa que visa quebrar a dualidade entre seres humanos e natureza. Aponta-se o caráter finito dos recursos naturais, assim como o risco a todas as formas de vida que a poluição antrópica pode acarretar. O texto associa a poluição a uma bomba atômica em forma de conta-gotas.

Essa narrativa leva à introdução da afirmação de que a instalação da fábrica de celulose agravaria essa crise ambiental, bem como pioraria os problemas socioeconômicos vividos pela cidade e pela metade sul no estado. É apontado neste início que tal empreendimento não passa de um falso progresso para cidade.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Visando dar sustentação às afirmações feitas, o documento faz uma relação entre o número de empregos ofertados pela fábrica em contraponto aos que poderiam ser perdidos com a instalação do complexo. As informações do documento atacam diretamente as argumentações dos defensores do empreendimento de que a aumentaria o número de pessoas empregadas em Rio Grande.

Aqui é interessante observar que o tópico em que estas afirmações são feitas, denominado de “EMPREGOS” é constituído por um trecho com dados idênticos aos encontrado no relatório denominado “Consequências socioeconômicas para Rio Grande com a instalação de uma fábrica de celulose” produzido por Marcelo Domingues.

Em outro subtítulo do documento denominado de “INFRAESTRUTURA”, o documento aponta que a implementação da fábrica causaria um inchaço da periferia local, pois os empregados trazidos pelas empreiteiras para a construção da indústria ficariam desempregados logo após a conclusão da obra e isso causaria problemas de infraestrutura e déficit habitacional. Esta argumentação é a mesma do relatório citado anteriormente.

Entende-se, assim, que existe uma evidente e concreta relação entre o relatório acadêmico produzido por Domingues e o documento analisado. O fator primordial que indica como real essa ligação é o fato de o professor em questão ter sido um dos tantos ativistas do movimento “Fora Celulose”.

Seguindo, o documento passa a investir na narrativa que o mal cheiro causado pelas fábricas de celulose ocasionaria problemas para o turismo e veraneio no balneário Cassino. O documento expõe os mesmos dados e argumentos encontrados no relatório produzido por Renato Carvalho, onde se alega que o regime de ventos predominantes, o nordeste, levaria toda a poluição aérea diretamente para a Praia do Cassino.

O discurso segue no sentido de que o odor poderia afastar os cerca de 200 mil turistas que visitavam a praia, anualmente. Além disso, este fator comprometeria os cerca de 800 empregos que eram gerados todos os verões.

Embora Carvalho não conste como professor da FURG, mas sim como técnico do Núcleo de Estudos e Monitoramento Ambiental (NEMA) na relação de trabalhos produzidos pela Universidade, entende-se que tal relatório denominado de “Turismo”

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

possui caráter acadêmico por conta da histórica parceria entre NEMA e a Universidade Federal do Rio Grande⁶.

Por fim, o documento aponta os perigos que os efluentes poderiam causar à saúde da população e na atividade pesqueira no município. A narrativa passa a destacar o potencial cancerígeno dos efluentes produzidos pelas fábricas de celulose e dos problemas respiratórios que a fumaça, oriunda do processo de produção de celulose, poderia causar.

Diversos relatórios tratam da questão tóxica e cancerígena dos rejeitos da celulose, mas aqui, destaca-se o “Parecer médico provisório sobre a instalação desta indústria” produzido por Cesar Chiaffelli, na época professor e diretor do serviço de oncologia da Santa Casa de Rio Grande, que articula de forma clara os perigos à saúde humana dos rejeitos tóxicos da fábrica, dando ênfase da questão cancerígena e dos problemas respiratórios.

Presume-se aqui que o relatório de Chiaffelli tenha sido uma das principais referências para o documento, pois o tópico sobre saúde fala sobre problemas cancerígenos e respiratórios assim como no documento disponibilizado para os veranistas.

Ao fim do relatório, há a associação da ingestão de pescado contaminado pelos resíduos da celulose com possíveis danos à saúde, em especial à possibilidade do desenvolvimento de câncer pela população. Apesar das observações contidas no documento em relação à saúde da população, o foco em que é tratada a pesca no documento se detém a demonstrar a perda econômica que o setor pesqueiro poderia vir a sofrer, caso o empreendimento fosse instalado, uma vez que os efluentes da celulose provavelmente aumentariam a mortalidade destes animais.

Nesta parte fica clara e evidente a ligação entre este documento e o relatório denominado “Principais aspectos na pesca do camarão *Rosa Penaeus Paulensis* na Lagoa dos Patos”. Tanto em um quanto no outro, os mesmos dados e conclusões são tirados a respeito, tanto do camarão, quanto das consequências ao setor pesqueiro da cidade.

⁶ O NEMA foi fundado por estudantes de Oceanologia da Universidade Federal do Rio Grande e possui vínculo institucional com a FURG como consta no site da ONG: <http://www.nema-rs.org.br>

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Como mensagem final, o documento se encerra em uma frase solitária ao fim da página, declarando que a celulose traria muito dinheiro para alguns e muitos problemas econômicos, sociais e ambientais para a maioria dos moradores do município. A qual reproduzimos aqui: “A fábrica de celulose daria muito dinheiro a alguns E muitos problemas (ambientais, econômicos e sociais) para grande maioria da população de nosso município”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se fazer uma leitura mais ampla de tudo o que foi exposto até aqui, fica evidente que a ação socioambiental explanada neste trabalho foi eficaz em combater boa parte das principais argumentações em defesa da fábrica de celulose. Nota-se que todos os argumentos presentes no documento possuíam um conteúdo sólido e bem estruturado.

Advoga-se que a estratégia de divulgação e atuação dos ativistas também possuiu papel decisivo para o sucesso da ação. O ato de conversar e informar os veranistas em um momento de lazer à beira mar pode ter contribuído de forma eficaz para a requeira conscientização.

O risco de perder aquele momento prazer em tão bela paisagem, devido à instalação da fábrica, pode ter contribuído com o processo de sensibilização dos veranistas a respeito de toda a problemática aqui debatida. Assim fica claro que apesar da importância do conteúdo do folheto, de nada adiantaria se não estivesse atrelado ao fator ativismo.

Ao se examinar o documento de forma mais profunda, assim como todo seu conteúdo, fica evidente a estreita ligação entre esta produção e os relatórios de possíveis impactos produzidos pelo corpo acadêmico da FURG. Acredita-se que existem evidências suficientes para afirmar que o folheto em questão foi pensado e produzido a partir dos dados presentes nos relatórios dos cientistas da universidade.

Toda a argumentação pró celulose girava em torno da geração de empregos da fábrica e da segurança ambiental. Nota-se ao analisar o folheto que a geração de empregos era algo apenas momentâneo e que mesmo com todos os processos para mitigar os

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

impactos ao meio ambiente, a fábrica ainda poderia causar muitos danos ambientais, estéticos e econômicos.

Entende-se, assim, que fica evidente neste estudo de caso, a simbiose entre comunidade acadêmica e comunidade em geral, unidas para a preservação do meio ambiente riograndino.

Muitas vezes acusada de gerar conhecimento exclusivo dentro dos “muros acadêmicos”, durante as manifestações do “Fora Celulose” da década de 1980 na cidade do Rio Grande, a FURG foi uma das grandes responsáveis, ou quem sabe, a maior responsável, pela produção de material cientificamente embasado, capaz de fazer com que o poder público recuasse em seu projeto, a despeito de todo o “progresso” econômico que traria para o município.

É importante também destacar que a comunidade em geral e ambientalistas não mediram esforços para trazer à cena pública debates que proporcionassem o esclarecimento da população, alertando sobre os perigos da implantação de tal empreendimento.

Desta forma, espera-se que este trabalho tenha o condão de contribuir para a elucidação sobre as potencialidades e avanços que os movimentos de resistência socioambientais podem vir a ter, unindo o saber acadêmico e a militância em prol do bem-estar da vida no planeta. O “Fora Celulose” foi e continua sendo uma demonstração do quanto proveitosa pode ser essa união.

Ao se fazer uma leitura mais ampla de tudo o que foi exposto até aqui, fica evidente que a ação socioambiental explanada neste trabalho foi eficaz em combater boa parte das principais argumentações em defesa da fábrica de celulose. Nota-se que todos os argumentos presentes no documento possuíam um conteúdo sólido e bem estruturado.

Advoga-se que a estratégia de divulgação e atuação dos ativistas também possuiu papel decisivo para o sucesso da ação. O ato de conversar e informar os veranistas em um momento de lazer à beira mar pode ter contribuído de forma eficaz para a requeira conscientização.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

O risco de perder aquele momento prazer em tão bela paisagem, devido à instalação da fábrica, pode ter contribuído com o processo de sensibilização dos veranistas a respeito de toda a problemática aqui debatida. Assim fica claro que apesar da importância do conteúdo do folheto, de nada adiantaria se não estivesse atrelado ao fator ativismo.

Ao se examinar o documento de forma mais profunda, assim como todo seu conteúdo, fica evidente a estreita ligação entre esta produção e os relatórios de possíveis impactos produzidos pelo corpo acadêmico da FURG. Acredita-se que existem evidências suficientes para afirmar que o folheto em questão foi pensado e produzido a partir dos dados presentes nos relatórios dos cientistas da universidade.

Toda a argumentação pró celulose girava em torno da geração de empregos da fábrica e da segurança ambiental. Nota-se ao analisar o folheto que a geração de empregos era algo apenas momentâneo e que mesmo com todos os processos para mitigar os impactos ao meio ambiente, a fábrica ainda poderia causar muitos danos ambientais, estéticos e econômicos.

Entende-se, assim, que fica evidente neste estudo de caso, a simbiose entre comunidade acadêmica e comunidade em geral, unidas para a preservação do meio ambiente riograndino.

Muitas vezes acusada de gerar conhecimento exclusivo dentro dos “muros acadêmicos”, durante as manifestações do “Fora Celulose” da década de 1980 na cidade do Rio Grande, a FURG foi uma das grandes responsáveis, ou quem sabe, a maior responsável, pela produção de material cientificamente embasado, capaz de fazer com que o poder público recuasse em seu projeto, a despeito de todo o “progresso” econômico que traria para o município.

É importante também destacar que a comunidade em geral e ambientalistas não mediram esforços para trazer à cena pública debates que proporcionassem o esclarecimento da população, alertando sobre os perigos da implantação de tal empreendimento.

Desta forma, espera-se que este trabalho tenha o condão de contribuir para a elucidação sobre as potencialidades e avanços que os movimentos de resistência

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

socioambientais podem vir a ter, unindo o saber acadêmico e a militância em prol do bem-estar da vida no planeta. O “Fora Celulose” foi e continua sendo uma demonstração do quanto proveitosa pode ser essa união. Ao se fazer uma leitura mais ampla de tudo o que foi exposto até aqui, fica evidente que a ação socioambiental explanada neste trabalho foi eficaz em combater boa parte das principais argumentações em defesa da fábrica de celulose. Nota-se que todos os argumentos presentes no documento possuíam um conteúdo sólido e bem estruturado.

Advoga-se que a estratégia de divulgação e atuação dos ativistas também possuiu papel decisivo para o sucesso da ação. O ato de conversar e informar os veranistas em um momento de lazer à beira mar pode ter contribuído de forma eficaz para a requeria conscientização.

O risco de perder aquele momento prazer em tão bela paisagem, devido à instalação da fábrica, pode ter contribuído com o processo de sensibilização dos veranistas a respeito de toda a problemática aqui debatida. Assim fica claro que apesar da importância do conteúdo do folheto, de nada adiantaria se não estivesse atrelado ao fator ativismo.

Ao se examinar o documento de forma mais profunda, assim como todo seu conteúdo, fica evidente a estreita ligação entre esta produção e os relatórios de possíveis impactos produzidos pelo corpo acadêmico da FURG. Acredita-se que existem evidências suficientes para afirmar que o folheto em questão foi pensado e produzido a partir dos dados presentes nos relatórios dos cientistas da universidade.

Toda a argumentação pró celulose girava em torno da geração de empregos da fábrica e da segurança ambiental. Nota-se ao analisar o folheto que a geração de empregos era algo apenas momentâneo e que mesmo com todos os processos para mitigar os impactos ao meio ambiente, a fábrica ainda poderia causar muitos danos ambientais, estéticos e econômicos.

Entende-se, assim, que fica evidente neste estudo de caso, a simbiose entre comunidade acadêmica e comunidade em geral, unidas para a preservação do meio ambiente riograndino.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Muitas vezes acusada de gerar conhecimento exclusivo dentro dos “muros acadêmicos”, durante as manifestações do “Fora Celulose” da década de 1980 na cidade do Rio Grande, a FURG foi uma das grandes responsáveis, ou quem sabe, a maior responsável, pela produção de material cientificamente embasado, capaz de fazer com que o poder público recuasse em seu projeto, a despeito de todo o “progresso” econômico que traria para o município.

É importante também destacar que a comunidade em geral e ambientalistas não mediram esforços para trazer à cena pública debates que proporcionassem o esclarecimento da população, alertando sobre os perigos da implantação de tal empreendimento.

Desta forma, espera-se que este trabalho tenha o condão de contribuir para a elucidação sobre as potencialidades e avanços que os movimentos de resistência socioambientais podem vir a ter, unindo o saber acadêmico e a militância em prol do bem-estar da vida no planeta. O “Fora Celulose” foi e continua sendo uma demonstração do quanto proveitosa pode ser essa união.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Renato. “Turismo” in: **Relatórios de impactos da indústria de celulose em Rio Grande**: Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental(NEMA), Rio Grande:1989,3f.

CHIAFFITELLI, Cesar. “Parecer medico provisório sobre a instalação desta indústria”. In: **Relatório de impactos da indústria de celulose em Rio Grande**, Rio Grande: 1989, 2 f.

DOMINGUES, Marcelo. “Consequências Socioeconômicas para Rio Grande com a instalação de uma fábrica de celulose”. In: **Relatório de impactos da indústria de celulose em Rio Grande: FURG / Departamento de Geociências**. 1989, 12 f.

FERREIRA, Gabriel, Silva. —**Uma história de luta e resistência- O movimento “Fora Celulose!” no município de Rio Grande no final da década de 1980**”. Rio Grande: 2017. 67p. Monografia (graduação em história bacharelado) - Instituto de ciências humanas e da informação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande,2017.

LEFF, Enrique. *Construindo a história ambiental da América Latina*. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 12, n. 13, p. 11-29, 2005.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

MARCHIORI. “Principais aspectos na pesca o camarão rosa *Penaeus Paulensis* na Lagoa dos Patos - Rio Grande -RS. **In: Relatório de impacto da indústria de celulose em Rio Grande:** FURG/Departamento de Oceanografia.1989,2f.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e Métodos.** Bookman editora, 2015.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.